



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

## VIDA AO AR LIVRE, EDUCAÇÃO DO CORPO E URBANIZAÇÃO EM UMA CIDADE QUE SE QUIS MODERNA: BELÉM DA *BELLE ÉPOQUE*

Andressa Fortunato Bentivi Castro  
Douglas Dias

### RESUMO

*A pesquisa investigou o processo de modernização ocorrido em Belém do Pará durante a chamada belle époque amazônica (1870 a 19120) a partir da valorização da vida ao ar livre e da natureza ao longo do período evocado. Utilizamos a análise documental como método, adotando como fontes, documentos oficiais do período. Foi possível concluir que durante a belle époque vislumbrou-se enquanto a educação do corpo e das sensibilidades como elementos da valorização da vida ao ar livre e da natureza, pensada como integrante da modernização em curso.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Educação do corpo; vida ao ar livre; Belle époque;*

### INTRODUÇÃO

O que ficou conhecido como *belle époque*, foi um período permeado por mudanças impactantes estimuladas, principalmente, por um novo dinamismo no contexto da economia, as quais alteraram a ordem e as hierarquias sociais, as noções de espaço e tempo dos indivíduos, as sensibilidades e os modos de percepção do cotidiano (SARGES 2010; SEVCENKO 1998).

Em uma Belém dotada de uma natureza selvagem, cheia de igarapés e rios que a cortavam; períodos de chuvas intermitentes; ruas esburacadas e lamacentas; cheia de mazelas e moléstias, cujo as incidências eram associadas ao seu clima tropical, diante das mudanças vertiginosas acabara por ser considerada arcaica e anti-higiênica, que muito destoava das palavras ecoantes do entre séculos, que era o moderno, o novo. Isto posto, para que a materialização da modernidade em Belém fosse expressa, era necessário que a cidade passasse por uma gama transformações (DIAS 2014; SARGES 2010).

No final do século XIX, esse passou a ser o principal objetivo dos intelectuais e políticos do Pará republicano, para atrair a atenção do país que estava em meio ao acentuado processo de transformações que ocorriam, seja na sua organização política, seja na implantação de novas relações de trabalho atribuídas ao fim da escravidão. O que se via no



cenário nacional e também Belenense, era um forte desejo de se atingir o mesmo patamar de “civilização” de alguns países da Europa Ocidental, tidos como exemplo de desenvolvimento e progresso alcançados no final do século XIX, como França, Alemanha etc (DIAS 2014; RODRIGUES 2008; SARGES 2010).

No cenário belenense, o que se via era um grande contraste entre a natureza selvagem que precisava ser domada, o anti-higiênico que precisava ser salubre, as camadas populares que eram transferidas para as áreas periféricas, tudo em prol da vontade inebriante do ser moderno e civilizado. Esse novo, essa busca do moderno, desenhou-se no rastro das sensibilidades, de novos hábitos e costumes impostos à população belenense e é através da investigação dos modos como os homens do passado enxergavam o mundo, se inseriam no social, como sentiam, pensavam e se representavam, permite-se uma investigação científica que se guia, igualmente, pelas emoções, sabendo-se que tudo isso reflete-se no corpo (DIAS 2014; SARGES 2010; SEVCENKO 1998).

A partir desta elucidação, a pesquisa historiográfica ora introduzida pertence ao universo da história cultural<sup>1</sup>, voltada à história das sensibilidades, em especial à educação do corpo. Nossa questão geradora é: como se deu a invenção de um homem urbano e moderno, bem como da vida ao ar livre em Belém do Pará durante a *belle époque*, considerando as publicações oficiais? A partir dessa questão, traçamos como objetivo geral investigar a invenção da vida ao ar livre/natureza como integrante do processo de modernização/urbanização ocorrido *belle époque* belenense. Por outro lado, nossos objetivos específicos são: a) Abordar a invenção de uma natureza domesticada em detrimento àquela em estado selvagem; b) Pontuar a influência do saber médico ao longo do processo de urbanização e valorização da vida ao ar livre durante a *belle époque* belenense; c) Compreender o avanço do capitalismo sobre Belém a partir do comércio da borracha e as possíveis influências sobre os usos e costumes citadinos.

Por meio de uma análise documental, utilizando como fontes os relatórios de Antonio Lemos (1897 a 1908), bem como álbuns de Paes de Carvalho (1899) e Augusto Montenegro (1900, 1902 e 1908), esta pesquisa tem como objetivo investigar a invenção desse novo

---

<sup>1</sup> Sobre história cultural, ver BURKE, Peter. *O que é história cultural*. RJ: Zahar, 2008. Ver ainda BURKE, Peter. *Varietades de história cultural*. SP: Civilização Brasileira, 2006. Ver também GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. SP: Cia das Letras, 2002. E ainda, LE GOFF, Jacques (dir). *A história nova*. SP: Martins Fontes, 1993.



sentido à vida ao ar livre/natureza como integrante do processo de modernização/urbanização na *Belle époque* belenense, a partir das publicações oficiais.

### “O PERFEITO EQUILÍBRIO DA VIDA QUOTIDIANA”: ENTRE PRAÇAS, JARDINS E O BOSQUE MUNICIPAL, UMA *BELLE ÉPOQUE* BELENENSE EDUCAVA O CORPO AO AR LIVRE

Movido pela preocupação com os possíveis prejuízos à saúde em decorrência do clima quente e úmido de Belém, o intendente Antonio Lemos implantou a arborização da cidade. Para tal, Lemos aparelhou o Horto Municipal, de onde saíram as plantas para as praças e arborização das ruas, incluindo aí o plantio de mangueiras, que, até hoje, são cartão postal da cidade, com suas sombras generosas a oferecer refrigério aos dias de calor intenso. Dizia o intendente que ao longo do ano de 1903 “[...]sahiram 974 pés de plantas para diversas praças, assim como para arborização e substituição de arvores da mesma” (O MUNICÍPIO DE BELÉM 1903, p.197). Já em 1904, segundo o relatório de Lemos, foram plantadas 269 mangueiras, 146 crôtons, 115 bambus, 17 rosas diversas e mais 46 arvores/plantas diversas, dentre elas palmeiras, jasmims e gardênias<sup>2</sup>. Nos demais anos do governo Lemos sempre houve plantios e replantios.

Embora o governo de Lemos tenha implantado a arborização como elemento de urbanização, o plantio e cultivo de árvores e plantas, já existia desde os tempos da “[...] ‘Rocinha das Canneleras’ [que] foi implantada no início do Século XIX na mesma área onde, depois de modificações no projeto, foi implantado o ‘Jardim Público’, oficializado em 1864” (ANDRADE 2010, p.116). No entanto, o referido jardim acabou destruído para que em seu lugar fosse erguida a estação ferroviária central de Belém, em 1887 (ANDRADE 2010).

Ao pensarmos sobre as ações de Lemos voltadas à construção de praças públicas arborizadas, é possível identificar que o intendente mudou de forma pontual a espacialidade cidadina. Vejamos o caso da Praça da República: diz o “Album do Município de Belém”, de 1902, que o processo que deu origem a esse logradouro tem relação com o aumento da populacional cidade, provocando que a mesma se expandisse para o lado oriental, tendo o denominado Largo da Campina como limite, sendo esse nada além de “[...] uma clareira na floresta o que recebeu semelhante batismo e ao fundo do qual ficava o cemiterio dos

<sup>2</sup> Ver LEMOS, A.J.; O Município de Belém. Relatório apresentado ao conselho municipal de Belém 1904. Arquivo da intendência Municipal. p. 241-242.



supliciados, dos catholicos, e dos indigentes fallecidos de varíola” (ÁLBUM DO MUNICÍPIO DE BELÉM 1902, p.17). Ainda segundo a fonte, o Largo da Campina posteriormente foi chamado de “Largo da Pólvora” porque passou a abrigar um depósito desse tipo de explosivo. Ressalta a fonte que tal depósito ali foi instalado porque aquele “[...] era um ponto afastado da cidade, onde os inflammaveis podiam ser recolhidos sem perigo para a população” (ÁLBUM DO MUNICÍPIO DE BELÉM 1902, p.17). Notamos então que naquele período (por volta dos anos de 1830), a região do que seria a Praça da República ainda era considerada distante da cidade, que então ficava no que hoje conhecemos como bairro da Cidade Velha. Ainda segundo a fonte, no ano de 1840 o governo

[...] mandou desbravar a praça, já tendo sido antecipadamente transferido o deposito de polvora e armamentos[...]. Nessa época, o Largo da Campina, que já fôra arruado e arborizado pelo engenheiro Victorino de Sousa Cabral, deixou de se chamar Largo da Polvora, recebendo a nova denominação de praça Pedro II (ÁLBUM DO MUNICÍPIO DE BELÉM 1902, p.17-18).

Com a modernização de Belém nos tempos da *belle époque*, logo a região da Praça passou a ser

[...] o ponto de *rendez-vous* de toda a população. Isso tem contribuído para a instalação de cafés, restaurantes e estabelecimentos de diversão em toda a praça da República. Sendo grande a concorrência de pessoas que frequentam a praça, as habitações que ali se encontram, para corresponderem ao tom de elegância que lhe imprime um publico selecto, são todas de construção moderna, o que dá uma feição distincta ao aspecto de conjuncto (ÁLBUM DO MUNICÍPIO DE BELEM 1902, p.18).

Tamanho era o investimento e preocupação do poder público com as praças de Belém, que o governador Augusto Montenegro afirma que as praças belenenses estavam “[...] convertidas em parques lindíssimos, com ajardinamentos caprichoso, elegantes, plantados com arte e hygiene” (ÁLBUM O ESTADO DO PARÁ 1908, p.45). Percebemos assim que a criação e manutenção de praças fazia parte de um projeto que entendia a vida ao ar livre como importante para o cotidiano da cidade. Além disso, é possível observar a preocupação e ênfase dada para a dimensão da higiene e da beleza, ou seja, as praças eram pensadas pelo poder público como lugares higiênicos, dotados de uma estética capaz de tornar Belém mais bonita, pelo menos a partir da visão do poder público.

No que se refere ao Bosque Municipal, atual Bosque Rodrigues Alves, o Álbum de Belém, de 1902, diz que ao construí-lo, no século XIX, o Dr Abel Graça, 4º vice-presidente,



[...] talvez nem pensasse que lançava os fundamentos de uma obra eterna [já que] [p]lantar um bosque já é uma missão mais altruísta e mais grave, porque encerra um plano mais largo de benefícios futuros, não a um certo numero de indivíduos consanguíneos, nos limites estreitos da família, mas á integridade de um povo, quase sempre indiferente aos feitos remotos e ás providencias antigas que lhe asseguraram a paz na constituição política e a comodidade fácil na consumação dos melhoramentos publicos (ÁLBUM DO MUNICÍPIO DE BELÉM 1902, p. 75).

De fato, o Bosque Municipal já existia, mas quem o transformou em um espaço voltado à vida ao ar livre, de maneira positivada, foi Lemos, reinaugurando-o em 15 de agosto de 1903. Assim, ainda em 1902 já se propagandeava ser aquele logradouro acolhedor, um local para receber os belenenses e a eles proporcionar momentos de descanso e tranquilidade. Afinal, o Bosque oferecia aos belenenses “[...] um regato oficial, que se escoia por entre os troncos, completando o aspecto florestal da passagem e aqui e além ferido de um raio de sol, que como uma flexa de luz atravessa em silencio o verde ondulante dos gonlafões (ÁLBUM DO MUNICÍPIO DE BELÉM 1902 p.76). Podemos notar por essa narrativa que a natureza presente no Bosque Municipal estava longe de ser aquele selvagem e indomada, proporcionando aos que visitassem o logradouro, serenidade, bucolismo e refrigério, em meio à uma natureza que, integrada à urbanização da cidade, era, certamente, um local seguro.

A paz, a diversão e o refrigério que o Bosque proporcionava a todos que o visitavam fazia parte do processo de tornar a cidade de Belém urbanizada e moderna. Tudo no Bosque Municipal era pensado para dar aos belenenses momentos de vida ao ar livre junto à natureza. Com efeito, inventava-se aí um sentido positivo à natureza, integrando-a à modernidade, transformando-a em um lugar seguro e prazeroso:

Vasto e bem cuidado, o Bosque Municipal, ao Marco da Legua, é uma das joias de Belém. Situado n’um bairro dos mais elegantes, na periferia urbana, offerece ele, a poucos minutos de distancia do centro febril d’esta Cidade eminentemente comercial, o mais grato dos lenitivos á ardentia do clima, pela frescura das suas sombras, pelo crystallino, cantante fluir dos seus regatos em cascatinhas graciosas, pelo doido chilrear da passerada, habitante das altas copas de seu arvoredado muitas vezes secular (O MUNICÍPIO DE BELÉM 1905, p.267).

Mais uma vez o discurso de Lemos defende a ideia de que o Bosque Municipal daria ao belenense um alívio ao calor climático da cidade, dando ênfase às sombras das árvores e às cascatas oferecidas por aquele logradouro. É importante também destacar que o centro de Belém, segundo Lemos, era febril, agitado e movido pelo comércio, daí resultando um ritmo





acelerado e cansativo de vida, fazendo com que os momentos vividos ao ar livre junto ao Bosque Municipal funcionassem como revigoradores das energias do cidadão belenense. Com isso, a vida ao ar livre acabava ganhando um sentido positivo e fundamental para o próprio bem estar do belenense. Podemos então pensar que o projeto de Antonio Lemos para a Belém da *belle époque* inclui a valorização da natureza e da vida ao ar livre, já integradas à paisagem urbana. A vida junto a esses espaços exigiu uma educação do corpo. Destarte, a noção educação do corpo remete a um processo bastante diversificado, pois

[...] poderíamos afirmar que, ao estabelecer este percurso móvel e mutável, pudemos observar e analisar alguns processos, nos quais, o corpo é o centro e de como esses processos educam. Ao criarem regras e comportamentos comuns, usos comuns do corpo induzindo indivíduos a cuidarem de si, de sua aparência e, nesse movimento, a se protegerem de suas próprias forças e impulsos, esses processos contribuem para assegurar uma vida em sociedade e as trocas entre as gerações (SOARES 2014, p.6).

A partir do entendimento de Soares (2014), podemos pensar que educar o belenense para uma vida ao ar livre, junto à natureza integrada à cidade, exigiu que antigos hábitos comportamentais fossem superados por usos e costumes adequados ao que naquele momento histórico era considerado civilizado e moderno. Dessa maneira, se a vida na cidade era febril e agitada, se o ritmo do progresso parecia cansar e retirar as forças dos belenenses, e se o calor da cidade era intenso, oferecer logradouros onde uma natureza domada podia regenerar as forças, dar momentos de tranquilidade, de diversão e de refrigério parecia importante para o bom funcionamento da vida urbana. Destarte, a natureza como forma de escape às tensões e mazelas da nova vida urbana (alta incidência de prostituição, alcoolismo e doenças, por exemplo) aparece claramente no relato do Sr. Major Antonio de Carvalho, logo após o mesmo ter visitado o Bosque Municipal. Vejamos:

Os pulmões enchem-se com ar oxigenado da matta circumjacente; a vista deslumbra-se á luz causticante do sol que morde todas as coisas com beijos de intellectual apaixonado; o espirito, liberto do meio de troglodyta em que estivera por algum tempo, alegra-se e se expande, sob o setim azul e incomparavel do ceu paraense, formando cúpula por sobre est'outro céu planturosamente verde da selva (O MUNICÍPIO DE BELÉM 1903, p.188).

Mais que contemplar a natureza, as práticas físicas ao ar livre também eram motivadas por Lemos. Para isso, o intendente mandou construir um no Bosque Municipal um

[...] pórtico de madeira de lei, para exercícios gymnasticos, e ahi temos á nossa disposição, para innocentes e salutaes folguedos, uma barra-fixa,



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

paralelas, jogo de bola, burrica, bancos gyatorios e um caramanchel coberto de finas trepadeiras, onde poderemos por instantes repousar, sentindo-nos reanimados pela mais paradisíaca frescura (O MUNICÍPIO DE BELÉM 1903, p.189).

Isto nos levar a supor que o governo Lemos estava afinado com o pensamento médico-higienista, à época hegemônico no Brasil, incluindo a preocupação com a prática de exercícios ginásticos ao ar livre. Assim, Lemos o projeto de modernização de Belém ora em curso, ao incluir a vida ao ar livre, exigiu, assim entendemos, o emergir de novas sensibilidades, que, grosso modo, regenerariam os corpos e as mentes, impondo aos mesmos as marcas e demandas da modernidade. Podemos dizer que a reforma urbana imposta por Lemos compreendeu a

[...] natureza não como um oposto, e sim como lugar para recompor aquilo que a ela, cidade, impunha-se como consequência perversa do progresso: os ineditismos e excessos de uma vida urbana que, talhada em pedra e ferro, à sua imagem e semelhança, fadigava o músculo, tensionava os sentidos, desbotava a vivacidade (DIAS 2014, p.156-157).

Se para a reforma da cidade foi necessária toda uma série de realocações, substituições, construções e transformações urbanas, não seria equivocado dizer que, simultaneamente, foram adotados novos hábitos e pedagogias, voltados às sensibilidades emergentes, acarretando, assim, transformações aos usos e costumes ligados ao corpo. Não seria equivocado dizer que foi ao corpo, ou para uma educação do mesmo, que todo esse projeto de busca da modernidade convergiu (DIAS 2014).

A República, em sua aurora, necessitava de novos ares. Novas técnicas e saberes invadiam o cotidiano dos cidadãos - demolia-se o passado em nome dos símbolos do progresso e da civilização. O crescimento urbano ocorrido em Belém ao longo da *belle époque* implicou o abandono e ruptura com a arquitetura dos tempos coloniais e do Império. A arquitetura eclética, *Art. Nouveau*, substituía parte dos casarões coloniais. Bondes e carros invadiam as ruas, o ritmo da vida urbana era embalado pelo apito da fábrica, o tempo, marcado pelo “tic tac” do relógio, e a ciência, orientavam os espíritos, os hábitos, os costumes. A busca da modernidade remodelava mentes e corpos. Diziam os discursos coevos que a nova cidade então erguida estava “[...] bem longe do tempo em que essa formosa capital merecia o epitheto de Cidade da Morte, pela sua falta de hygiene e pelos propicios elementos



de germinação n'ella encontrados para todos os germens mórbidos espalhados no ar ambiente” (O MUNICÍPIO DE BELÉM 1905, p.46).

O crescimento de Belém ocorria de modo acelerado, incitando as aspirações e os anseios de muitas pessoas. No entanto, dentre as emoções estimuladas no povo belenense, estavam o medo, a angústia, a desconfiança e o pessimismo que assumiam grande força no imaginário social referente ao ambiente urbano, consequência de um temor pela corrupção da espécie humana, supostamente causada pelas aglomerações, pelas epidemias, como a tuberculose, febre amarela, peste negra e pelos hábitos considerados como anti-higiênicos, como a frequência a bares, cabarés e, sobretudo, o consumo de álcool. Lemos, atento e preocupado, indica em um dos seus relatórios que apenas “[...] o perfeito equilíbrio da vida quotidiana, observadas as regras hygienicas, pôde proporcionar a maior somma de bem-estar, o menor numero de probabilidades das agressões mórbidas. ” (O MUNICÍPIO DE BELÉM 1904, p. 182). Podemos pensar que tamanha preocupação incluía os cuidados com o corpo, por meio de pedagogias, inculcando novos hábitos higiênicos, alimentares e mesmo a adoção de práticas físicas ao ar livre. Formava-se assim um quadro de uma inédita cultura urbana.

O mecanismo que inventou uma nova cultura urbana incluiu em seu roteiro educar os corpos. Afinal, uma educação do corpo (e das sensibilidades) pode ser compreendida “[...] como um conjunto de processos culturais amplos que implicam conhecimento e prática dos usos e costumes de uma sociedade tendo como finalidade introduzir indivíduos e grupos em distintas esferas da vida pública” (SOARES 2014, p. 1). Corpo e natureza integravam-se aos projetos de uma cidade moderna, movida pela lógica do capitalismo que se impunha, dia após dia, de forma crescente naquela Belém da *belle époque*, assim como noutras grandes capitais brasileiras do mesmo período, como São Paulo. Sobre o movimento de urbanização da cidade paulistana, diz-se que naqueles tempos idos

[...] considerava-se que a vida só poderia ser pensada em relação às influências exteriores que interagiram sobre ela, como o clima, a luz, o ar, o sol, a água, segundo uma linha de pensamento herdada de Lamarck, de Étienne Saint-Hilaire, dos médicos do século XVIII, entre outros. Nesse sentido, uma vez que o meio ambiente era considerado como o responsável principal pela saúde do corpo social, e ao mesmo tempo, de cada indivíduo - membro constitutivo da totalidade social -, a medicalização da sociedade implicaria a criação de condições ambientais que favorecessem a circulação dos fluidos, a formação de personalidades sadias e de uma nação próspera e civilizada (RAGO 1985, p.167).





Retomando os tempos de Lemos, nota-se que houve um redesenhar espacial, operado mediante a demolição de cortiços e estalagens, realocação dos cemitérios, instalação de matadouros e de uma moderna usina de incineração de lixo, animais mortos e curtumes (erguida fora dos limites urbanos). Além disso, houve a dessecação de pântanos, a retificação e canalização dos córregos e rios, o alargamento, calçamento e arborização de ruas, a construção de avenidas para garantir a circulação urbana, bem como a introdução de áreas verdes, como parques, praças e jardins (SARGES, 2010; DIAS, 2014). Esse quadro acarretou novos hábitos e pedagogias, uma nova moral e educação, ou seja, um conjunto de

[...] infinitas criações e recriações de técnicas, de políticas, de pedagogias voltadas ao corpo seja para contê-lo, seja para torná-lo performático tais como as higiênes, as técnicas de embelezamento, as ginásticas, o esporte, os lazeres ativos, os regimes alimentares, as roupas, os adornos de um modo geral, podem ser apreendidas como educação (SOARES 2014, p. 1).

Assim sendo, embora a cidade tenha formado-se a partir do encontro de vários povos, de nordestinos e imigrantes rurais que lá aportaram, aos índios e os negros (libertos ou não) que lá viviam, as elites dominantes procuraram impor seu novo modo de vida, esse, forçosamente europeizado. A Belém das elites da borracha, a Belém idealizada por Lemos era, em muito, uma cidade que procurava negar ou afastar de si os hábitos oriundos das camadas populares, associando-os ao atraso. Era necessário formar corpos saudáveis, fortes e disciplinados para a consolidação de uma sociedade moralmente limpa e socialmente produtiva. O medo de uma decadência progressiva em relação a tudo de ruim que a modernidade acarretara e da própria espécie humana, resultado do urbano não saneado e de um modo de viver não regrado, não higiênico, era o principal motor para a busca de hábitos mais saudáveis. Podemos pensar então que durante a *belle époque* houve um processo de educação do corpo, justo porque as mentalidades e sensibilidades estavam mudando e se moldando aos novos tempos e ao avanço do capitalismo. É importante pontuar que

[...] [uma] *educação* em geral e a *educação do corpo*, de modo bem específico e especializado, incidem diretamente sobre os corpos, transmitindo valores e normas, difundindo significados e sentidos que implicam na elaboração de comportamentos e atitudes aceitos socialmente (SOARES 2014, p.2).

Assim pensando, podemos supor que o processo de educação do corpo presente ao longo da *belle époque* em Belém



[...] materializa[va]-se por meio de *pedagogias* que expressam considerações e prescrições, lógicas e políticas [...] forjando novas sensibilidades e incidindo diretamente nas tolerâncias e intolerâncias em relação a si mesmo, ao outro e à vida pública” (SOARES 2014, p.4, grifo da autora).

No caso daquela Belém dos tempos da *belle époque*, ser moderno e civilizado guardava algo de ser europeizado. Ao longo daquele momento histórico, é possível dizer que educar o belenense para os modos de ser europeizados incluía a educação do corpo. Afinal, não haveria ocorrido naquela Belém de outrora um movimento, um conjunto de pedagogias voltadas ao corpo, intencionando moldá-lo

[...] ao convívio social e inseri-lo em processos de aprendizagens que buscam encobrir e apagar uma *natureza rebelde* e trazendo à luz uma *natureza pacificada*. Assim, seria então possível pensar que uma *educação do corpo* resulta da lenta elaboração de *pedagogias* que comportam técnicas e políticas especializadas pautadas por uma extensiva cartografia religiosa, artística e biomédica elaborada em uma longa duração, cartografia que se alimenta das mais vastas ambições acerca da disciplina do corpo e dos gestos, da saúde, da vida (SOARES 2014, p.3, grifos da autora).

Em suma, constituiu-se um novo regime de valores, sensibilidades e comportamentos a partir do qual foram definidas e ditadas as regras do modo correto de viver, sentir, pensar e agir. Os padrões comportamentais e as sociabilidades consideradas civilizadas, progressivamente adotadas no universo patriarcal da elite belenense e dos seringueiros emergentes, de alguma forma, incidiram sobre a população pobre da cidade, produzindo tensões, conflitos, tumultos e resistências. Esse mecanismo de poder foi composto por estratégias disciplinares e normalizadoras, implicando, para sua eficácia, a “[...] formação de um saber, que é para ele tanto um efeito quanto uma condição de exercício” (FOUCAULT 2002, p.65). Normalizar, portanto, exigiu manobras e articulações políticas, bem como a medicalização da sociedade. Esses mecanismos transitaram entre a vida pública e a de caráter privado, nem sempre respeitando os hábitos e culturas populares<sup>3</sup>. Dessa forma, forjou-se uma Belém

[...] próspera, lugar de progresso e civilidade [...] posta a circular pelo poder governamental [de forma que] educando as sensibilidades, educavam corpos que se moldavam às exigências da nova ordem não menos que se deliciavam com os prazeres, serviços e a onda de consumismo recém-inaugurados. Uma Belém [pensada] como um lugar para o progresso, para a saúde, para as diversões e sociabilidades (DIAS 2014, p. 184).

<sup>3</sup> Op cit, p. 182-183



A vida social restrita era substituída pela busca cada vez mais constante das ruas arborizadas, bosques e praças, dos passeios e encontros na esfera pública, da vida em sociedade que se constituía referenciada pelos padrões do mundo dito civilizado, norteadas por pedagogias e novos hábitos. Nesse quadro, de vestimentas importadas a produtos de embelezamento, a cidade era palco para o consumismo e ostentação do novo, do moderno. Lugar para contemplação, recreio, refrigério e práticas físicas, a vida ao ar livre tornou-se uma extensão da vida do homem moderno. Assim, os tempos da *belle époque* estabeleceram regras disciplinares sobre os usos de si na vida privada e na vida pública, redesenhando e redefinindo conceitos de saúde, civilidade, progresso, sociabilidades, divertimentos e normalidade social.

Inventando um novo sentido de urbanidade, adequado ao avanço do capitalismo sobre Belém, o novo modelo de cidade exigiu novas formas de vida urbana, sendo que, para isso, a vida ao ar livre e o contato com uma natureza domada foram fundamentais. Desse modo, a *belle époque* não afastou a natureza do meio urbano, procurando, em contrapartida, domá-la, transformando-a em paisagem e extensão de si (DIAS, 2014). Essa natureza transformada em paisagem da cidade se concretizou por intermédio das praças e jardins públicos, assim como pelo Bosque Municipal. Em todos esses logradouros o que havia era uma natureza tranquila e domada, uma natureza receptiva e adequada aos desejos de uma cidade que se modernizava. Uma natureza que podia dar descanso, refrigério e diversão aos belenenses. Acreditava-se então que essa natureza se tornaria via de acesso ao progresso e à civilidade, construindo um homem moderno, saudável e disciplinado.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após investigação e análise das fontes de nossa pesquisa, é possível afirmar que o processo de urbanização em Belém durante a *belle époque*, principalmente por conta da administração do intendente Antonio Lemos, objetivou definir novos padrões de saúde e higiene, bem como tinha na educação de novas formas de sensibilidade uma das suas principais motivações, incluindo a valorização da vida ao ar livre, dando a essa (e à própria natureza) um sentido positivo. Assim, uma natureza domesticada passou a fazer parte da paisagem da cidade, servindo para refrigério e recreio, bem como para regenerar as forças e ser lugar para contemplação e descanso. Desse modo, tão importante quanto a construção de casarões, prédios públicos, escolas, hospitais e teatros, ou ainda, de ruas largas, e a



canalização e esgotamento de água, a modernização de Belém trazida pela *belle époque* caracterizou-se pela presença e valorização de logradouros voltados à vida ao ar livre, de forma tal que a natureza domada, presente nos parques, jardins e praças de Belém, bem como no Bosque Municipal da cidade, passou a ser entendida e positivada como própria para passeios, recreios e prática de exercícios físicos.

Durante a *belle époque* belenense, formas modelares de educação do corpo em conjunto com o novo e positivo sentido atribuído à vida ao ar livre/natureza revelaram-se como mais um dos vieses do crescimento urbano, da afirmação dos ritmos de uma Belém enquanto cidade cada vez mais modernizada e urbanizada, mesmo que apenas para as suas elites. Marcou-se assim o avanço do capitalismo sobre a capital do Grão-Pará, redefinindo as espacialidades urbanas e os usos e costumes belenenses. Naquele tempo histórico, balizando-se na construção do ser moderno, com o intuito de formá-lo a partir de parâmetros europeizados de modernidade, ergueu-se uma educação do corpo, modificando as sensibilidades de então. Com isso, a *belle époque* de Belém trouxe, para além das mudanças econômicas e urbanas, uma série de novas formas de comportamentos, individuais e coletivos.

Nos tempos aqui pesquisados, a vida ao ar livre deu-se em meio às praças e ao Bosque Municipal, recantos públicos, palco de uma natureza posta para servir e um entendimento de modernidade, tornando-se extensão da vida do homem urbano e moderno. De fato, o capitalismo avançava sobre Belém, as riquezas da borracha faziam a cidade crescer e se modernizar, sendo as elites belenenses as grandes beneficiadas, enquanto a população pobre testemunhava, excluída, tamanhas mudanças. Essa extensão da vida urbana, nos locais públicos voltados à natureza, tornou-se contraponto fundamental à vida fatigante e acelerada que era imposta pela chegada da modernidade. Fosse no bosque municipal ou nas praças públicas, os belenenses passaram a procurar descanso, diversão, refrigério e saúde.

Mesmo que efêmera, a modernidade vivida na Belém da *belle époque* foi um projeto que pretendeu europeizar os usos e costumes das elites (e por extensão, das camadas pobres da população). Essa europeização incluía as formas de vestir, as diversões e a urbanização e arquitetura da cidade, por exemplo. Mas incluiu também, e não de forma menor, a valorização da vida ao ar livre e da própria natureza, naquela Belém, então idealizada por Lemos como a “*Petit Paris*”. Entendemos, dessa forma, que a nossa questão geradora pode ser respondida afirmando que houve a invenção de um sentido positivo à vida ao ar livre, bem como uma



educação do corpo, para esse novo, sentido durante o processo de urbanização de Belém ao longo da *belle époque*. Esse conjunto de invenções aconteceu de forma processual, compondo um quadro de pedagogias que procuraram valorizar os momentos desfrutados junto à natureza: uma natureza reinventada, agora entendida como importante para a vida na cidade porque dava aos belenenses descanso, diversões, recomposição das forças e refrigério necessários para suportar os modernos e cansativos ritmos de vida urbana.

THE OUTDOOR LIFE , BODY EDUCATION AND DEVELOPMENT IN A CITY THAT  
WANTED MODERN : BELÉM *BELLE ÉPOQUE*

ABSTRACT

*The research investigated the occurred modernization process in Belém of Pará during the calling amazona belle époque (1870 to 1912) from the appreciation of outdoor living and nature over the period evoked. We used document analysis as method, adapting as sources, official documents of the period. It was possible to concluded that during the belle époque the body and sensibilibes education was envisioned as tabulation of elements of the outdoor and nature, conceived as parto of the ongoing urbanization.*

**KEYWORDS:** *Body education ; outdoor living ; Belle époque ;*

LA VIDA AL AIRE LIBRE, EDUCACIÓN CORPORAL Y DESARROLLO EN UNA  
CIUDAD QUE QUISO MODERNA: BELÉM *BELLE ÉPOQUE*

RESUMEN

*La investigación indicó que el proceso de modernización ocurrió en Belem durante La llamada belle époque Amazonica (1870-1920) a partir de la valorizacion de La vida al aire libre y la naturaleza a lo largo del período mencionado. Se utilizó las análisis de documentos como método, la adoptando como una fuente los documentos oficiales de la época. Se concluyó que durante la belle époque se vislumbra como la educación del cuerpo y sensibilidades como elementos de apreciación de actividades al aire libre y la naturaleza, concebida como parte de la modernización en curso.*

**PALABRAS CLAVE:** *Educación Corporal; Vida al aire libre; Belle époque.*

FONTES

CARVALHO, J.P.; **Álbum do Pará em 1989**. Edição F.A. FINDANZA, 1989.

**O Município de Belém**. Antonio José Lemos. Relatório apresentado ao conselho municipal de Belém 1897-1902. Arquivo da intendência Municipal.

**O Município de Belém**. Antonio José Lemos. Relatório apresentado ao conselho municipal de Belém 1903. Arquivo da intendência Municipal.





**O Município de Belém.** Antonio José Lemos. Relatório apresentado ao conselho municipal de Belém 1904. Arquivo da intendência Municipal.

**O Município de Belém.** Antonio José Lemos. Relatório apresentado ao conselho municipal de Belém 1905. Arquivo da intendência Municipal.

**O Município de Belém.** Antonio José Lemos. Relatório apresentado ao conselho municipal de Belém 1906. Arquivo da intendência Municipal.

**O Município de Belém.** Antonio José Lemos. Relatório apresentado ao conselho municipal de Belém 1907. Arquivo da intendência Municipal.

**O Município de Belém.** Antonio José Lemos. Relatório apresentado ao conselho municipal de Belém 1908. Arquivo da intendência Municipal.

**Álbum do Estado do Pará.** Mandado organizar por S. Ex. o Snr. Dr. Augusto Montenegro. Governador do Estado. Oito anos do Governo (1901 a 1909). PARIS, Imprimerie CHAPONET (Jean Cussac), 1908.

**Álbum de Belem Pará 15 de Novembro de 1902.** Paris, Imprimé par PHILIPPE RENOARD, 1902.

**O Pará em 1900, publicação comemorativa feita pelo governo do estado.** Imprensa de Alfredo Augusto Silva, 1900.

#### REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. H. P. de. **De São Braz ao Jardim Público – 1887-1931:** Um ramal da Estrada de Ferro de Bragança em Belém do Pará. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

DIAS, D. da C.; **Quem te margeia conta de ti:** educação do corpo em Belém do Pará (de 1855 à década de 1920). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2014.

DIAS, D. da C.; SOARES, C. L.; **ENTRE VELAS, BARCOS E BRAÇADAS:** Belém no reflexo das águas (do final do século xix à década de 1920). Projeto História, São Paulo, n. 49, Abr. 2014.

RAGO, M.; **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RODRIGUES, S. F.; **Esculápios tropicais:** a institucionalização da medicina no Pará, 1889-1919; Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2008.



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

SARGES, M. de N.; **Belém**: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912), 3.<sup>a</sup> ed. Belém, PA: Paka-Tatu, 2010, 230p.

\_\_\_\_\_; **Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos (1869-1973)**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SEVCENKO, N.; **Literatura como missão**: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_; **História da vida privada no Brasil-República**: da *belle époque* à era do rádio, v.3, 9.<sup>a</sup>.reimp., São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SOARES, C. L.; **Verbete: Educação do Corpo** *in* **Dicionário Crítico de Educação Física**. 3.<sup>a</sup>. Ed. Ijuí: Editora UNIJUI, 2014, p. 219-225.